



## PAUL RICOEUR E A LINGUAGEM – UMA INTRODUÇÃO

MÁRIO CORREIA DA SILVA<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo trata da linguagem no pensamento de Paul Ricoeur. Mostra como se deu seu interesse pela linguagem, desde o signo, o símbolo e o mito à linguagem enquanto discurso, que o coloca em diálogo com várias correntes linguísticas. Destaca-se, em sua trajetória intelectual, a teoria do símbolo e a teoria do texto, nas quais aparecem várias acepções de linguagem, como as de duplo sentido, polissêmica e analítica, que convergem para uma teoria da interpretação e um discurso bem fundamentado. A extensão dessa temática (a linguagem), nesse caso, coincide com a extensão da obra de Ricoeur. Por isso, nossa intenção é, simplesmente, demonstrar que o pensamento de Ricoeur situa-se na esfera da filosofia da linguagem.

**Palavras-chave:** Linguagem. Símbolo. Mito. Discurso. Texto.

---

1.Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente no Centro Universitário Arnaldo Horário Ferreira (UNIFAAHF).

# PAUL RICOEUR AND LANGUAGE – AN INTRODUCTION

## ABSTRACT

This article deals with language in the thought of Paul Ricoeur. It shows how his interest in language came about, from the sign, the symbol and the myth, to language as a discourse, which puts him in dialogue with various linguistic currents. In his intellectual trajectory, the theory of the symbol and the theory of the text stand out, in which several meanings of language appear, such as the double meaning, polysemic and analytical, which converge to a theory of interpretation and a well-founded discourse. The extension of this theme (language), in this case, coincides with the extension of Ricoeur's work. Therefore, our intention is simply to demonstrate that Ricoeur's thought is in the sphere of the philosophy of language.

**Keywords:** Language. Symbol. Myth. Speech. Text.

## INTRODUÇÃO

Jean Paul Gustave Ricoeur (1913-2005), filósofo francês, tem por base de pensamento a filosofia reflexiva, a fenomenologia e a hermenêutica, como ele mesmo diz: “eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica à qual me reporto com três traços: ela está na linhagem da filosofia reflexiva; ela permanece na esfera da influência da fenomenologia husserliana; ela quer ser uma variante hermenêutica desta fenomenologia” (RICOEUR, 1986, p. 25). No entanto, essas três correntes de pensamento têm em comum, entre outras coisas, os tipos e usos de linguagem. É verdade que, para compreender o pensamento ricoeuriano, precisa se considerar essa tríplice influência, mas é igualmente verdade a necessidade de considerar a linguagem nesse pensamento. Por isso, ao propor a apresentar cada um daqueles elementos ao modo de introdução, vimos também a igual necessidade de abordar diretamente o tema da linguagem no pensamento de Paul Ricoeur. Assim, surgiu este artigo sobre Paul Ricoeur e a linguagem, em certa continuidade com o que já escrevemos sobre filosofia reflexiva e fenomenologia, precedendo o que escrevemos sobre hermenêutica. De caráter introdutório, trata-se de uma apresentação que mostra a presença da linguagem na obra de Ricoeur e como ela caracteriza seu pensamento. É uma maneira de oferecer uma visão geral sobre sua obra a partir da linguagem.

É comum se dizer que a tríplice herança mencionada acima, corresponde a uma tríplice perspectiva do pensamento de Paul Ricoeur. A filosofia reflexiva se refere à tradição de pensamento que tem como nota a reflexão (a autorreflexão), mas que em Ricoeur se torna ato reflexivo ou reflexividade. A fenomenologia é a corrente de pensamento que teve vários desdobramentos no vigésimo século,

sendo utilizada por Ricoeur devido ao seu componente intencional e descritivo. A hermenêutica, tida como teoria da interpretação, aponta para o escopo das contribuições de Paul Ricoeur, que a assume como arte de explicar e compreender. Mas, e a linguagem? A linguagem, em Ricoeur, traz as marcas da linguagem natural, simbólica, estruturalista e analítica, como discorreremos a seguir. Tentaremos, com esta exposição introdutória, mostrar em que medida Ricoeur é um filósofo da linguagem ou como ele está associado às correntes linguísticas de seu tempo.

## PARTIR DA LINGUAGEM E SER GUIADO POR ELA

Desde muito cedo Ricoeur se interessou pela linguagem nas suas mais variadas formas. A licenciatura em Letras lhe proporcionou estudar as línguas clássicas e ter contato com clássicos da literatura e da religião, mas foi provocado a mudar de área por conta de seu estilo “demasiado filosófico” e assim o fez (RICOEUR, 2009, p. 20). No universo filosófico, lhe foi útil aquele contato com a literatura em geral, pois essa via lhe favoreceu uma experiência com a linguagem não somente enquanto veículo de comunicação, mas também lugar de habitação, meio no qual a realidade se dá e acontece. Partindo de seu trajeto, depois de se dedicar ao signo, ao símbolo e ao mito, Ricoeur se interessa pela linguagem enquanto discurso e dialoga com várias correntes linguísticas, especialmente de viés estruturalista e analítica. Em seu entender, o filósofo recebe a linguagem do ordinário da vida e do mundo, toma-a como guia para acessar realidades profundas e significativas.

A primeira grande frente de trabalho de Paul Ricoeur foi a aplicação do método fenomenológico no campo prático. Não obstante os êxitos, a eidética da vontade foi incapaz de descrever e revelar o sentido de realidades da concretude humana, como aquelas do âmbito involuntário e aquelas outras associadas à experiência de falta (culpabilidade). Face a essas realidades concernentes à capacidade e, especialmente, a falibilidade humana, Ricoeur recorre a uma descrição empírica e mítica (mítica concreta), modelo “extra-racional”, em busca de indícios para sua compreensão (RICOEUR, 2004, p. 10). Na verdade, é essa uma estratégia de cunho linguístico para abordar indiretamente algo que está presente no campo prático, fazendo uso dos saberes do universo religioso e mítico. Sem fazer etiologia dos símbolos nem dos mitos, seu interesse nessa ocasião foi pela função simbólica e mítica reveladora de aspectos da realidade que escapam a outras análises (RICOEUR, 2004, p. 171; 1970, p. 16-17). Esse interesse é, na verdade, pela linguagem que comunica o símbolo, que desafia o conceito e provoca reflexão.

Ricoeur define o símbolo como “toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, além disso, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro” (RICOEUR, 1969, p. 16). O símbolo é, portanto, uma realidade intencional, uma linguagem que

mira um duplo sentido. Por isso, “o símbolo dá o que pensar” (RICOEUR, 2004, p. 482). Esse mote kantiano é posto por Ricoeur na conclusão de uma longa reflexão sobre a simbologia. É uma máxima que não serve para encerrar a questão e sim para alargar a reflexão, para provocar o pensar mais e melhor. Para Ricoeur, o mote diz pelo ao menos duas coisas: “o símbolo dá; não sou eu que estabeleço o sentido: é ele que dá o sentido; mas o que ele dá é o que pensar, em que pensar. A partir da doação, a posição” (RICOEUR, 2016, p. 134). Isso significa que o símbolo é, fundamentalmente doação, dom da linguagem. Uma doação a ser recepcionada pela reflexão, uma recepção que se converte em obrigação de pensar e em dever de inaugurar um discurso a partir daquilo que o precede e o funda. O símbolo, nesse sentido, é princípio de um saber filosófico, um saber que não começa no vazio, nem no ego e sim na linguagem que já coloca em questão o sentido e o seu fundamento.

Tudo o que é dito pode sê-lo em enigmas (símbolo), fazendo-nos pensar para decifrar, para compreender esse tudo que é a realidade. Para melhor perceber isso, Ricoeur nos convida a visitar o império variado dos símbolos que, como sugerem as leituras eliadiana, freudiana e bachelardiana, apontam para as expressões sagradas cósmicas, oníricas e poéticas. O aspecto cósmico favorece a leitura do sagrado primeiramente no mundo, nos elementos da natureza, do cosmos. Essas realidades são como que hierofanias, manifestações do sagrado que ampliam as experiências antropocêntricas e trazem um sentido englobante da realidade em “regime ontológico” (RICOEUR, 1970, p. 16; 37). A dimensão onírica remete às funções psíquicas dos símbolos mais fundamentais e mais estáveis da humanidade. Em relação ao cosmo, o onírico é o correlato antropológico de manifestação do sagrado, é a vinculação entre o “ser do homem e o ser total” (RICOEUR, 1970, p. 17). Não é o caso de opor a dimensão cósmica à dimensão onírica, pelo contrário, é preciso vincular, pois ambos são como que “dois polos de uma mesma expressividade: me expresso ao expressar o mundo; exploro minha própria sacralidade ao decifrar o mundo” (RICOEUR, 2004, p. 178). Essa dupla expressividade é completada pela terceira modalidade do símbolo que é a imaginação poética. Imaginação não é aqui um modo de suprir ausências (representação), mas sim, ostentar a presença das coisas do mundo (expressar). Diferente das manifestações cósmicas e oníricas, o símbolo poético nos mostra a expressividade em seu estado nascente, faz surgir, assim, a linguagem em sua emergência. E vale destacar que não são três formas independentes de símbolos, pois são vinculadas e comunicáveis entre si, são aspectos de um tipo de estrutura simbólica.

Ricoeur diferencia o símbolo de outras linguagens que lhe são próximas, como é o caso do signo e do mito. Ele toma o símbolo como “significações analógicas espontaneamente formadas e dadas” (p. ex: a água). Essa é uma realidade intencional, uma linguagem que mira um duplo sentido. Diferente do signo que é amplo, visa além dele próprio e vale por tal coisa visada (ex: a palavra) (RICOEUR,

2004, 179; 1970, p. 10). Por sua vez, Ricoeur considera o mito uma espécie de símbolo desenvolvido em forma de narrativa. O mito é “uma forma de discurso que eleva uma pretensão ao sentido e à verdade” (RICOEUR, 2016, p. 177). Mas, a situação não é simples, pois é comum que a filosofia busque o fundamento racional, a razão de ser e exclua a narrativa mitológica. Paradoxalmente, o mito insiste em se mostrar, pois ele não se esgota em sua potencialidade imaginativa de conotação ontológica. É assim que, na história da filosofia, foi e será preciso escolher entre *mythos* e *logos* (representação-conceito), exceto se se admitir os dois, criando um modo de bem articulá-los, como procura fazer Paul Ricoeur.

Enquanto forma de discurso, Ricoeur chama atenção para a estrutura do mito, podendo ser explicada, sem esgotar sua significação que está para além de toda explicação estrutural. Sua significação advém de uma linguagem polissêmica que o caracteriza, sendo capaz de dilatar o enunciado que carrega o sentido e a referência, algo próprio de uma linguagem indireta. Enquanto discurso, o mito diz algo sobre alguma coisa, diz algo ‘*in illo tempore*’, por meio de representações, ritos, valores e histórias de começo e fim. Nisso, o discurso mítico engendra sabedoria, favorece conhecimento de mundos, viver neles e enfrentar seus absurdos, pois faz aparecer horizontes de sentidos. Acomodando-se no mundo, o mito nos faz repousar no ser, haurindo significações para o existir.

Embora existam diferenças, é estreita a relação entre símbolo e mito. Podemos até dizer que a simbologia se desdobra ou está acomodada em narrativas mitológicas que dão traços históricos para as realidades abordadas. Se no império variado dos símbolos Ricoeur se dedica ao estudo das expressões sagradas cósmicas, oníricas e poéticas, no universo mítico, ele analisa os chamados mitos de começo e fim, pertencentes à cultura grega e hebraica. Destacamos os mitos de origem que costumam retratar o caos originário ou um cenário de harmonia no qual se dá irrupção do mal (RICOEUR, 2004, p. 325, 349). Nesse mesmo âmbito está o mito adâmico que é um mito antropológico por excelência. Esse mito possui uma tríplice função: dissociar o mal da bondade originária, diferenciar o Deus santo do homem pecador e assim ser o ponto de ruptura entre o ontológico e o histórico (RICOEUR, 2004, p. 378). Um outro tipo é o mito da alma exilada, ao qual segue a ideia de retorno. Ele retrata a invenção da alma e do corpo, o indício de dualidade, de positividade da alma em detrimento do corpo e a ideia de uma vida feliz anterior e posterior a sua união com corpo (RICOEUR, 2004, p. 419ss). É comum a esses três tipos de mitos evocados a concepção dramática da realidade e o trágico da existência humana no mundo. Eles estão para acenar um ponto de partida que não precisa ser uma primeira verdade, mas um pressuposto prévio, um lugar em que o pensamento habita no plano da linguagem.

De modo geral, os relatos mitológicos têm a função de englobar a humanidade em uma história exemplar, tornar a universalidade do homem uma experiência concreta e assim procurar desvendar o enigma da existência humana (RICOEUR, 2004, p. 313). Assim, o mito tem um alcance ontológico por apontar para a relação entre o ser essencial do homem e sua existência temporal e concreta. Seu formato não é de relatar um fato acontecido, nem de explicá-lo, mas sim de convidar a conhecer por outro ponto de partida que não seja o racional (*logos*). O mito possui formas de acontecimentos diferentes dos relatos históricos, pois sua ‘referência’ é para alguém do começo e além do fim da historiografia. Daí que os mitos de origem e de fim – que são os mais conhecidos – possuem “excesso de significação”, sem contar que todos eles são ou trazem espectros do trágico, revelando, assim, uma dimensão própria do existir humano.

O símbolo e o mito possuem estrutura intencional e caráter de duplo sentido que desafiam o pensamento. Pensar o símbolo e/ou o mito é pensar a linguagem na qual eles se movem e isso requer interpretação. Com efeito, não existe símbolo sem um princípio de interpretação, assim como não há interpretação que não pertença ao pensamento simbólico e de duplo sentido (RICOEUR, 1970, p. 20). Algo parecido se dá com as narrativas mitológicas, uma peça simbólica maior, que se abre ainda mais a um imaginário que exprime realidades significativas. Tanto o símbolo quanto o mito fazem-nos regressar à experiência originária da linguagem, renunciando a um fundamento absoluto e inserindo-nos num mundo mais vasto e diverso, onde o existir é mediar. Nesse sentido, a abordagem do símbolo e do mito leva, inicialmente, Ricoeur a definir hermenêutica como ciência de decifração de símbolo, cujo sentido literal é guiado por um segundo sentido a ser descoberto, com valor ontológico implicado (RICOEUR, 1970, p. 37; 1997, p. 71). Sem ser evasivo, o símbolo e o mito unem, mediam as relações entre paradoxos, entre o subjetivo e a realidade, apontando para a realidade na qual nos movemos, existimos e pensamos.

O fato de conceber o mito como discurso e levar em conta sua estrutura, nos leva a considerar a relação de Ricoeur com o estruturalismo, cujas raízes remontam a Ferdinand de Saussure, com sua distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala). Nesse modelo estrutural, a linguagem não é mediação, é um mundo próprio no qual cada elemento se refere apenas a outros elementos do mesmo sistema, configurando um sistema autossuficiente e de relações internas. Por preferir a sintaxe, realizar uma semiótica e fazer desaparecer a linguagem como discurso, o estruturalismo será confrontado por Ricoeur com a semântica de Emile Benveniste, passando assim da *langue/parole* à frase (RICOEUR, s/a, p. 14; 1986, p. 115). A frase já possui uma significação e é um procedimento integrativo de linguagem. Da frase Ricoeur passa ao discurso, tido como “o evento da linguagem”, capaz de comportar semântica e semiótica, o signo e a frase. O discurso tem estrutura diferente daquele analítico estruturalista, pois sintetiza identificação (singular) e predicação (universal) numa

frase com significação. No discurso o evento e a significação se articulam, tal como uma relação de noese e noema dentro da linguagem que não é fechada em si, pois ela diz e dizer é mostrar, direcionar a algo distinto dela mesma (RICOEUR, 1969, p. 56; 1986, p. 184).

O debate com o estruturalismo foi intenso e muitos outros elementos foram colocados em questão. No geral, Ricoeur concorda que a análise estrutural tem lugar garantido, pois a linguagem pode ser analisada por aquilo que a constitui. Mas isso não significa enclausurá-la em sua estrutura, pois, mais que relação entre signos, ela é “emergência de expressividade”, é produção de enunciado significativo (RICOEUR, 1969, p. 78; 84). Ainda no mesmo terreno, Ricoeur diferencia filosofia estruturalista e estudo estrutural de textos. Enquanto ele concorda com o método, resiste sua transformação em filosofia, como fez Lévi-Strauss. A filosofia estruturalista levistrussiana transforma em sistema fechado qualquer realidade, tais como a história, a cultura, os mitos e até o próprio homem, numa redução à uma constituição estrutural (RICOEUR, 2009, p. 126). Tal redução, no entender de Ricoeur, leva à supressão de qualquer realidade, inclusive o próprio homem. Para, ao mesmo tempo, se beneficiar e atravessar o estruturalismo, Ricoeur reforça a ideia de linguagem enquanto discurso irreduzível a fechamento e dotado de tensão ontológica. Quanto à sua expressão, depois da abordagem do símbolo, é a vez da metáfora, amplamente trabalhada na obra *La métaphore vive* (1975).

Ricoeur fala da metáfora em termos de estrutura e significação. Segundo ele, na semântica moderna a metáfora tem a ver com a frase e não com a palavra; ela é um fenômeno de predicação, é criação, invenção e não mera substituição de termos nem ornamento do discurso. Fala-se, então, de enunciado metafórico. Mas uma metáfora não existe em si mesma, o que existe é o sentido garimpado no enunciado, é a novidade que ela diz acerca da realidade (RICOEUR, s/a, p. 58). Faz parte do enunciado metafórico a questão semântica e o problema da referência. Para Ricoeur, a metáfora libera o enunciado da fixação literal ou da intenção do enunciador. Num movimento de suspensão da referência, a metáfora inaugura uma “denotação de segunda ordem” (conotação) e assim ‘reescreve’ a realidade (RICOEUR, 2000, p. 13). Além disso, a metáfora é uma arte de mostrar, “de fazer ver. [...] de fazer aparecer o discurso”, descobrindo imagens e provocando o pensamento conceitual a pensar mais, auxiliado pela interpretação (RICOEUR, 2000, p. 60, 465; 1997, p. 53). O enunciado metafórico relaciona semântica e ontologia, sentido e realidade, possuindo uma “veemência ontológica” que cabe uma exploração.

O enunciado metafórico aparece em vários tipos de discursos como, por exemplo, na retórica e na poética. A retórica é a disciplina mais antiga de uso da linguagem como discurso e, até hoje, há quem a utilize para explorar essa parte da linguagem. Ela é a arte de argumentar para convencer uma plateia de que uma

opinião é melhor que sua rival. A poética em certos âmbitos chega a se confundir com a retórica, sobretudo se tomarmos a definição aristotélica de poiésis como produção de discurso, realidade comum às duas que se repete na região do provável. Mas, o que diferencia uma da outra é a proveniência de lugares diferentes e a projeção a objetivos diferentes. Desse modo, a poética é a arte de construir intrigas para expandir a imaginação individual e coletiva (RICOEUR, 1992). Ricoeur se ocupa mais com a poética do que com a retórica, sendo que há várias outras modalidades de discurso, como o discurso hermenêutico que falaremos adiante. O discurso poético é agenciado pelo par *mythos* e *mimesis*: enquanto o *mythos* metaforiza, a *mimesis* reescreve. A junção desses dois é obra de toda poesia, sendo mais facilmente manifestada naquela em que o *mythos* toma forma de discurso narrativo e a *mimesis* redescreve o agir humano (RICOEUR, 1983, p. 9).

O discurso narrativo, bem apresentado em *Temps et récit* (1983-1985), por estar no domínio do poético, é coerente, possui uma linha condutora e seu conjunto mostra-se completo, um enredo de elementos heterogêneos. Com o discurso narrativo, Ricoeur preserva a amplitude, a diversidade e a irredutibilidade da linguagem. Mostra ainda que todo enredo está vinculado ao tempo e mesmo os enredos de ficção possuem validade (RICOEUR, 1986, p. 11). Além disso, assegura que a vida humana é potencialmente narrativa e está em busca de narrador. Sendo uma boa estratégia de mediação, a narrativa é invenção de um enredo (intriga), literário ou histórico que, operada pelo par *mythos-mimesis*, reescreve a ação humana. Cabe a *mimesis* transpor a ação ao reino do “como-se”, realizando ruptura e ligação, numa tríplice operação de prefiguração, configuração e refiguração (RICOEUR, 1983, p. 78). Essa tríplice operação ou tríplice *mimesis*, corresponde à referência, à criação e à recepção. Isso quer dizer que o discurso narrativo se ocupa com a ação, parte das ações humanas e tende às ações. Está implicado nesse discurso, além da linguagem, a questão temporal, historiográfica e ainda um modo de poder ser/existir no mundo. Com o discurso narrativo, Ricoeur vê a linguagem em seu potencial de reorientar, reestruturar e produzir um modo de habitar no mundo, um modo de acessar uma ontologia.

Com a teoria narrativa, Ricoeur deu uma atenção especial à noção de texto, que pode ser tomado em sentido alegórico, analógico e simbólico. O texto é tudo aquilo que é suscetível de compreensão: não somente a escrita, mas também as ações humanas, os monumentos e a história (individual ou coletiva); aquilo que é inteligível no sentido de que pode ser tomado como texto ou são inscritos enquanto tais (obras). Seja ele qual for, o texto é um discurso, evento da linguagem dotado de referência e significação. O discurso pode ser oral ou escrito. Enquanto oralidade, pressupõe locutor, interlocutor e assunto; é um fenômeno temporal e intencional, distinto da língua que é virtual e atemporal (fora do tempo) (RICOEUR, s/a, 26; 1986, p. 184). O discurso reforça o lugar da palavra (realidade virtual) e da frase

(realidade atual) contemplando, assim, semiótica e semântica numa peça maior que é o texto. Desse modo, com a noção de texto, Ricoeur concebe uma teoria da interpretação que tem como mote explicar mais para compreender melhor.

O texto pode ser um discurso fixado (escrita) ou um discurso realizado (ação). Nesse último caso, entramos no domínio prático onde a ação é tida como quase-texto, tal qual uma obra endereçada a leitores (RICOEUR, 1986, p. 175; 1997, p. 118). Para Ricoeur, o “fazer” é também uma forma de “dizer”, por isso, há um ‘discurso da ação’ que pode ser analisado nos níveis dos conceitos, das proposições e dos argumentos. No nível dos conceitos estão as seguintes categorias: sentido, intenção, fim, razão, desejo, preferência, escolha, agente e responsabilidade. Através das proposições as ações são expressas mostrando, assim, uma estrutura locucionária capaz de fixar uma força ilocucionária, permitindo sua autonomia (como no texto). O terceiro nível é o dos argumentos que se atém ao discursivo, tentando mostrar causas, motivos e o que se torna inteligível para a história (RICOEUR, 1977, pp. 11-17). Com esse movimento em torno da ação, Ricoeur realça o papel da linguagem, dessa vez situando-a no nível do vivido, da atuação, considerando a ação como um texto.

O discurso da ação em Ricoeur nos remete ao seu contato com a filosofia analítica. Os pressupostos da filosofia analítica são empregados tanto no texto quanto na análise do ato, isto é, no discurso enquanto tal. Considerando que o discurso é um evento significativo, sua realização se dá mediante a atos de enunciação e envolvimento de enunciador. Os atos de enunciação ou simplesmente ato discursivo são analisados pelos prismas semântico e pragmático, seguindo os linguistas Paul Grice, J. L. Austin, Sarles, Strawson e Frege (RICOEUR, 1986, p. 184; 1990, p. 39). No plano semântico a linguagem é estruturada ao modo de designação, através de operadores de individuação disto ou daquilo. Para Ricoeur, a vantagem nesse caso é o de apontar para um estatuto lógico elementar de sentido. No plano pragmático, o significado de uma proposição depende do contexto de interlocução, é constituído pelo “eu/falo/faço” fazendo notar que o discurso é dizer algo sobre algo para alguém. No entender de Ricoeur, isso é diferente de uma simples proposição lógica, pois os dois polos do discurso estão implicados, uma vez que o ato de se dirigir a alguém exige a inversão e nisso cada um designa a si mesmo dirigindo-se ao outro. Essa abordagem é ampla, basta dizer nesse momento que o discurso envolve enunciado e enunciador, numa correlação inevitável. Dizemos ainda que se pode falar de “veemência ontológica” da linguagem, no caso aqui, dos atos de linguagens ou enunciados discursivos.

A análise linguística esforça-se para esclarecer a linguagem ordinária e reforça, assim, a teoria do discurso fixado (texto) e a teoria do discurso realizado (ação) de Paul Ricoeur. Em seu emprego, Ricoeur é capaz de manter a diferença

em relação a outras abordagens, como a fenomenologia, por exemplo, como está no já citado *Le discours de l'Action* (1977). Nesse ensaio, Ricoeur analisa o discurso da ação a partir da análise linguística e da fenomenologia com a finalidade de apresentar pressupostos para uma filosofia da ação, algo anterior aos discursos ético, jurídico e político. Em certa altura da obra, ele compara as duas abordagens, apresenta os limites e torna uma complementar a outra, mantendo as distinções, passando a chamar fenomenologia linguística (RICOEUR, 1977, p. 131; 2016, p. 113). Esse procedimento é feito em vários outros momentos discursivos, fazendo sobressair um tipo de método oriundo da fenomenologia e da linguagem que se completa com a hermenêutica, que se perfila como um tipo discurso.

O discurso hermenêutico se caracteriza por seu caráter interpretativo, não obstante o distanciamento temporal, geográfico ou cultural do texto (ou da ação). Por visar o sentido, o discurso hermenêutico é teoria de múltiplos sentidos. Tradicionalmente, o discurso hermenêutico foi aplicado em textos sagrados, em textos clássicos e em textos jurídicos. Essa aplicação visava reencontrar a intenção que estava por trás de cada texto, mas para Ricoeur, o objetivo é encontrar o sentido do próprio texto que é autônomo e possui mundo próprio. A hermenêutica é porta de entrar para a aventura no mundo do texto e isso se dá graças à imaginação produtiva que, suspendendo referências, faz pensar mais, descortinar horizontes e alargar sentidos. Desse ponto de vista, o discurso hermenêutico tem a pretensão de, ao interpretar, provocar inovação semântica e abrir um novo mundo. Mas, não é uma pretensão ingênua, pois a ela se acompanha a crítica, tornando assim o discurso hermenêutico uma reflexão, um estilo filosófico, um modo de filosofar hermeticamente. Ademais, acompanha a hermenêutica a tarefa de revelar as dimensões de novas realidades descobertas, numa certa explicitação ontológica.

Hermenêutica e linguagem caminham juntas. A propósito, na obra ricoeuriana, a hermenêutica está presente desde quando ele aderiu a uma mítica concreta para melhor compreender algumas realidades que o método fenomenológico não consegue alcançar. Onde há símbolo, mito, metáfora, narrativa, texto, há necessidade de interpretação. Quando o discurso, essa grande peça da linguagem, se desprende de seu enunciador/autor naturalmente ele passa a fazer parte do campo hermenêutico. E, nesse campo, o método e o sentido farão diferenças numa busca de explicação e compreensão. A manutenção do método e do sentido condiz com o que Ricoeur também faz na fenomenologia ou na linguística, quando mantém pensamento e realidade. Vale notar que fenomenologia, linguagem e hermenêutica formam um tripé de sustentação de toda a reflexividade ricoeuriana, cujo chão ou alcance ontológico merece ser investigado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos lembrando da tríplice influência confessada por Ricoeur. Mas, agora precisamos terminar dizendo que: ou a linguagem está entre as influências ou teremos que falar de uma quarta influência. Ao nosso ver, é possível as duas coisas: a primeira, devida à insuficiência da fenomenologia e, especialmente, por conta da hermenêutica; a segunda, sobretudo por conta do contato de Ricoeur com a filosofia analítica, numa estreita vinculação com a fenomenologia. Portanto, os tipos e usos da linguagem feitos por Ricoeur fazem com que seu pensamento seja caracterizado por ela, podendo ainda ser chamado de filosofia da linguagem, uma filosofia da linguagem que se situa entre várias correntes linguísticas, como vimos no decorrer do texto. Quanto ao modo de se referir à totalidade desse pensamento, uma forma de conjugar todas as influências é usando o termo reflexividade, pois assim está contemplando também a filosofia reflexiva.

Do percurso feito, destacamos que a linguagem simbólica e mítica é um jeito especial de sondar as profundezas da realidade cósmica e antropológica, pois elas são vias de acessos ao ser. Esses modos de manifestações interpelam o pensar sendo, em muitos momentos, uma propedêutica filosófica, uma propedêutica de fundamentação originária e sempre necessária. Foi depois das interpelações do símbolo e do mito que Ricoeur passou à metáfora e à narrativa, resultando em grandiosas discussões sobre o sentido, a referência, a temporalidade, a identidade, a história, entre outros assuntos. Essas discussões foram, em seu tempo, contornadas pela linguagem analítica, da qual Ricoeur acolhe o poder de reforçar argumentos e fortalecer o aspecto realístico do discurso. Seu objetivo foi reforçar a semântica linguística com a semântica lógica, destacando a destinação pragmática e semântica que analisa os atos de fala e conduz ao sujeito discursivo. O trato dessas questões favoreceu o desenvolvimento de uma teoria da ação que conjuga linguagem comum e a linguagem poética, tendo seu maior desenvolvimento na última fase de pensamento de Paul Ricoeur. Não deixou de fazer parte desse empreendimento, a hermenêutica que, dada a sua marca, também merece uma abordagem própria a ser feita em outro artigo.

## REFERÊNCIAS

BARROS DE OLIVEIRA, Rafael. *Entre philosophie et linguistique: autour de 'Philosophie et langage' de Paul Ricœur*. Études Ricœuriennes, vol. 11, n. 1. 2020.

CORREIA, Mário. *Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur*. In: *Illuminare – Revista de Filosofia e Teologia / Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFTEG)*. v. 4, n.1 (jan/jun). Goiânia, 2021.

CORREIA, Mário. *Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica a subjetividade*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

ENGEL, Pascal. *Y a-t-il eu vraiment une rencontre entre Ricoeur et la philosophie analytique?* In: *Études Ricœuriennes / Ricœur Studies* Vol 5, n. 1. 2004.

GENDE, Carlos Emilio. *Lenguaje e interpretación en Paul Ricoeur*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

GRONDIN, Jean. *Paul Ricoeur*. Trad. Sybil Safdie Douek. São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

JERVOLINO, Domenico. *Introdução a Ricoeur*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011.

LACOUR, Philippe. *Signification et réflexivité dans la philosophie de Ricoeur*. In: *Études Ricœuriennes / Ricœur Studies*, Vol 11, No 1, 2020.

MORATALLA, Tomás Domingo. ¿Es Paul Ricoeur un fenomenólogo? Entre fenomenología y hermenêutica. *Escritos*. Vol. 26, No. 57, julio-diciembre (2018).

RIBEIRO, João Amaral. *A hermenêutica de Paul Ricoeur face à filosofia reflexiva*. Lisboa: Phainomenon, Edições Colibri, 2000.

RICOUER, Paul. *Autobiografia intelectual*. In: *Da Metafísica à Moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

RICOUER, Paul. *A Crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICOUER, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOUER, Paul. *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris: Le Seuil, 1986.

RICOUER, Paul. *Finitud y culpabilidad. Livro I: El hombre falible. // Livro II: La simbólica del mal*. Madrid: Trotta, 2004.

RICOUER, Paul. *Freud: uma interpretação de la cultural*. Ciudad de México: Siglo XXI, 1970.

RICOUER, Paul. *Hermenêutica e ideologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

RICOUER, Paul. *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Seuil, Paris, 1969.

RICOUER, Paul. *Lectures II. La contrée des philosophes*. Paris: Seuil, 1992.

RICOUER, Paul. *Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 2016.

RICOUER, Paul. *O discurso da ação*. Lisboa : Edições 70, 1977.

RICOUER, Paul. *Philosophie et langage*. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, v. 103, n. 4 (1978), p. 449-463

RICOUER, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris : Éditions du Seuil, 1990.

RICOUER, Paul. *Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação*. Porto: Edições 70, s/a.

RICOUER, Paul. *Temps et récit*. Tomo 1. Paris: Seuil, 1983.